

Copyright © 2001 by Faculdade de Letras da UFMG

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

Conselho Editorial

Antônio Martinez de Rezende
Dilma Castelo Branco Diniz
Else Ribeiro Pires Vieira
Evelyne J. A. A. M. Dogliani Madureira
Ida Lúcia Machado
Kátia Modesto Valério
José Américo de Miranda Barros
José Olympio de Magalhães
Luis Alberto Ferreira Brandão Santos
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova

Capa, Projeto Gráfico e
Editoração Eletrônica: Marco Antônio e Alda Durães

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias da FALE/UFMG

N945 O novo milênio : interfaces lingüísticas e literárias /
organização Eliana Amarante de Mendonça Mendes,
Paulo Motta Oliveira, Veronika Benn-Ibler. – Belo
Horizonte : UFMG/FALE, 2001.
584 p.
ISBN: 85-87470-27-2
1. Lingüística. 2. Fonética. 3. Crítica. 4. Literatura –
História e crítica. 5. Cultura. 6. Tradução e interpretação.
I. Mendes, Eliana Amarante de Mendonça. II. Oliveira, Paulo
Motta. III. Benn-Ibler, Veronika. CDD: 410

Endereço para
correspondência:

Faculdade de Letras da UFMG
Diretora: Eliana Amarante de Mendonça Mendes
Vice-Diretora: Veronika Benn-Ibler
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
CEP 31270-901 - Belo Horizonte - MG - Brasil
Fone: 0(xx) 31 499-5101
Fax +55(0)xx31 499-5120
E-mail: secgeral@letras.ufmg.br
www.letras.ufmg.br

Difusão lexical: estudos de casos do Português Brasileiro

Thaís Cristófaru-Silva

1. Introdução

Este trabalho expressa resultados parciais de uma pesquisa que tem por objetivo central avaliar a variação sonora que envolve as consoantes líquidas no português.¹ Observa-se por exemplo que em seqüências de (obstruinte+líquida) a consoante líquida pode ser alternativamente cancelada: 'livro/livo'.² Temos portanto formas alternantes em variação.

A variação sonora é caracterizada pela possibilidade de pronúncias alternativas para uma mesma palavra. A palavra 'pá' por exemplo apresenta uma única pronúncia no português. Já para a palavra 'camelo' temos pelo menos duas alternativas de pronúncia: 'c[a]melo' (com [a] antes do [m] sendo oral) e 'c[ã]melo' (com [ã] antes do [m] sendo nasal). Dizemos que há variação de pronúncia da palavra 'camelo'. Em alguns

¹ Projeto desenvolvido junto ao Departamento de Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais intitulado 'Difusão Lexical: Estudos de Casos do Português Brasileiro'. Processo CNPq no. 301029-89.

² Seqüências de (obstruinte+líquida) são tradicionalmente tratadas como encontros consonantais tautossilábicos, i.e. quando as duas consoantes ocorrem na mesma sílaba. No português as obstruintes podem ser [p,b,t,d,k,g,f,v] e as líquidas podem ser [r, l].

casos em que temos pronúncias concorrentes (como 'camelo' que tem duas possibilidades de pronúncia) ocorre uma mudança sonora e apenas uma das possibilidades de pronúncia passa a ocorrer na língua. Para que uma mudança sonora ocorra é necessário que tenha havido variação entre as formas concorrentes. Ao entendermos melhor os casos de variação compreenderemos melhor os casos de mudança lingüística.

Este trabalho pretende discutir alguns casos de variação no português. Adota-se o modelo da Difusão Lexical. Argumenta-se que formas lexicalizadas e o comportamento alternante das restrições que regulam a formação da estrutura sonora são evidências para o desencadeamento da variação que será implementada lexicalmente.

2. As propostas neogramática e difusionista

A proposta neogramática assume que uma mudança sonora afeta todas as palavras relevantes de uma língua, i.e. palavras que satisfaçam as condições estruturais que regem a implementação da mudança. Por condição estrutural entende-se o ambiente ou contexto que condiciona a mudança sonora em questão. Na perspectiva neogramática assume-se que se numa determinada língua o som [o] átono final muda para [u] então toda e qualquer palavra que tenha [o] átono final sofrerá uma mudança e passará a ter [u] átono final: pat[o] ocorre como pat[u]. Segue-se com isto que a mudança sonora é regular e afeta a todos os itens lexicais da língua (desde que as condições específicas que regem as mudanças sejam satisfeitas). Obviamente, que as mudanças sonoras ocorrem e são implementadas durante um período de tempo fixando-se uma das formas que estavam em concorrência. A proposta neogramática foi formulada em oposição a proposta dos dialetologistas que sustentavam a tese de que cada palavra tem a sua própria história. A hipótese neogramática surge como um princípio metodológico forte e tem regido de maneira quase que ortodoxa os trabalhos em fonologia diacrônica. Nesta perspectiva a mudança sonora é vista como regular, i.e., que se aplicada a um determinado som em determinados ambientes será implementada com regularidade sem exceções.

Em contrapartida à proposta neogramática temos a teoria da Difusão Lexical.³ Esta proposta teórica questiona dois pilares da teoria

neogramática: que as mudanças são foneticamente graduais e que uma mudança afeta abruptamente todas as palavras de uma língua. Na perspectiva da difusão lexical uma mudança ocorre inicialmente em alguma palavras e propaga-se para outras palavras com estrutura sonora semelhante. Em alguns casos a difusão lexical deixa algumas palavras permanentemente sem ter alteração sonora. Em outros casos a mudança atinge a todas as palavras da língua que potencialmente poderiam sofrer a mudança sonora. A difusão lexical constitui uma oposição teórica direta à proposta neogramática. Em (1) são apresentados os pontos principais da proposta neogramática e da proposta difusionista.

(1) **Neogramáticos:** propõem que a mudança sonora segue leis fixas e não apresenta exceções. Portanto, **sons** podem mudar a forma de uma palavra. Esta proposta prevê que a mudança sonora é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta.

Difusionistas: sugerem que uma mudança sonora é aplicada a algumas **palavras** e pode atingir (ou não) o léxico como um todo. Portanto, é a palavra que muda em relação a sons específicos. Esta proposta prevê que a mudança sonora é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual.

Pode-se então formular a seguinte pergunta: o que muda é o som ou é a palavra? A proposta neogramática defende que os sons mudam enquanto que a perspectiva difusionista defende que é a palavra que muda. Neste trabalho assume-se a teoria da Difusão Lexical.

A teoria da Difusão Lexical tem por objetivo explicar como uma mudança se propaga na língua. Um ponto também importante a ser investigado é a questão de *como* uma mudança se inicia. Neste artigo defendemos que formas lexicalizadas e o comportamento alternante das restrições que regulam a boa-formação da estrutura sonora são evidências para o desencadeamento da variação que será implementada lexicalmente.

3. Avaliação de alguns casos de variação sonora no português brasileiro

Vimos anteriormente que qualquer mudança lingüística passa por um estágio de variação. Sendo assim, em algum momento formas concorrentes estavam presentes e em competição em uma determinada

³ WANG, 1969..

língua. A fonologia é o ramo da lingüística que estuda os sistemas sonoros. Conseqüentemente, a fonologia deve avaliar formas alternativas de pronúncia de uma mesma palavra.

A seguir serão analisados três casos de variação/mudança sonora no português brasileiro levando-se em conta a proposta difusionista.⁴

- (2) a. /l/ → [w] em final de sílaba praticamente concluída /sal/ → [saw]
 b. /t/ → [tʃ] antes de [i] variação ainda aparente /tia/ → [tʃia]
 c. /Cr/ → [C] seguido de vogal variação incipiente /livro/ → [livu]

Nas próximas páginas trataremos de cada um destes casos listados em (2). Pretende-se argumentar que todos estes três casos refletem processos de variação que foram (ou estão sendo) implementados lexicalmente. No caso (2a) a mudança já está praticamente concluída em quase todas as variedades do português brasileiro. Em (2b) há variedades do português brasileiro em que falantes fazem uso de formas concorrentes: [tia e [tʃia]. No caso (2c) a mudança é ainda incipiente.

3.1. Vocalização da Lateral

Na perspectiva neogramática deve-se encontrar uma motivação fonética que justifique a mudança fonética gradual. A motivação para a vocalização da lateral pode ser vista como decorrente da consoante lateral velarizada [ɫ] que, por ser recuada, contribuiu para que um glide recuado arredondado fosse implementado. O contexto ou ambiente de aplicação da regra é em final de sílaba (sal, salto) que pode ou não coincidir com o final da palavra. Se a mudança já foi completamente implementada espera-se que todas as palavras – sem exceção – tenham sofrido a mudança. Conseqüentemente não se espera encontrar laterais em posição final de sílaba. Contudo, na representação fonológica postula-se amplamente na literatura que ocorre /l/ em posição de final de sílaba em formas como /sal/ e /salto/. A fonologia explicita formas

⁴ Nos exemplos em (2) são apresentados os casos de mudança do som e o contexto em que a mudança se aplica/aplicou. Ou seja, indica-se que o **som** mudou sendo que este artigo argumenta que é a **palavra** que muda. A forma de apresentação dos exemplos em (2) tem um caráter ilustrativo seguindo a tradição mais recorrente de que a mudança se dá em sons específicos.

fonéticas como [saw] e [sawtu]. Evidência para postular um /l/ pos-vocálico é decorrente do comportamento de formas derivadas que terminam em /u/ – como ‘museu/ museólogo’ e formas derivadas que terminam em /l/ – como ‘sal/saleiro’. Estas formas são ilustradas em (3):

- (3) Formas derivadas de palavras que terminam em /u/ e /l/
 a. (muse)u (muse)ólogo *museólogo
 b. (papel)Ø (papel)aria *papeuaria

Um outro argumento para se postular /l/ em final de sílaba na representação lexical vem das formas de plural. Os exemplos de (4) ilustram que as formas que terminam em /u/ fazem o plural pelo acréscimo de [s] e as formas que terminam em /l/ fazem o plural em [is] (suprimindo-se o /l/ vocalizado pelo processo mencionado em (2a)).

- (4) a. museu museus *museis
 b. papel papéis *papeus

Consideremos agora formas como ‘calda’ e ‘cauda’ quando homófonas, i.e., pronunciadas da mesma maneira.⁵ Se não há diferença de pronúncia entre estas formas seria pertinente postularmos a diferença fonológica: /kalda/ e /kauda/? Esta seria a proposta neogramática. O som /l/ muda sistematicamente e sem exceção para [w] quando ocorre em final de sílaba. O som /u/ não sofre mudança neste contexto.

Uma proposta alternativa seria dizer que a palavra ‘calda’ mudou e tem a representação lexical /kauda/ passando a ter a mesma representação de ‘cauda’ /kauda/. Esta seria a perspectiva difusionista. De maneira análoga deve-se assumir que ‘sal’ tem a representação /sau/. Como conseqüência desta proposta deve-se assumir que a relação entre palavras como “sal/saleiro” é apenas semântica e sem correlato sonoro estrutural. Isto de fato ocorre nas línguas naturais: palavras semanticamente relacionadas sem relação com a forma. Um exemplo deste tipo no português é ‘pobre/ paupérrimo’ (e não ‘pobríssimo’).

⁵ Neste artigo o símbolo [w] será utilizado para as formas em que o glide recuado arredondado é derivado de /l/ - como em ‘calda’ /kalda/ → [kawda] – e o símbolo [u] será utilizado para as formas em que o glide recuado arredondado é derivado da vogal /u/ como em ‘cauda’ /kauda/ à [kauda].

Argumentamos que se de fato “todas” as palavras mudaram (e não encontramos falantes pronunciando [l] em final de sílaba em certos dialetos) não se justifica manter uma representação fonológica como /sal/. Esta proposta somente serviria para vincular ‘sal/saleiro’ em termos morfológicos (e vincular dialetos diferentes que ainda apresentam [l] em final de sílaba). Do ponto de vista de funcionamento da língua falantes interpretam ‘sal’ com /u/ final e daí podemos ter ‘saus’ ou ‘sais’. Exemplos como “gol/gous” (e não ‘gois’) mostram uma tendência da língua em interpretar ‘gol’ como /gou/ (e conseqüentemente o plural [gous]) apesar de ter formas semanticamente relacionadas como ‘goleiro’ (em que ocorre um ‘l’ intervocálico).

Pensemos agora na estrutura de boa-formação de palavras do português. Vale observar que após consoante temos sempre o ‘R’ forte: ‘des[R]speito’.⁶ Em palavras que tiveram o ‘l’ vocalizado ocorre alternância entre o ‘r’ fraco e o ‘R’ forte: mel[r/R]o, guel[r/R]a, bil[r/R]o, etc.

Sugiro que a vocalização do ‘l’ se deu por difusão lexical. Ou seja, algumas palavras começaram a ser pronunciadas com [u] final e a mudança alcançou todas as palavras da língua (em alguns dialetos). Evidência seriam formas lexicalizadas como “gol/gous” e o comportamento alternante em termos das restrições que regulam a boa formação da estrutura sonora no PB (mel[r/R]o). Seria pertinente avaliar o que ocorre em comunidades em que há formas concorrentes de [l] e [u] em final de sílaba.

3.2. Palatalização de oclusivas alveolares

Em (5) listamos as condições para a palatalização de oclusivas alveolares /t,d/ que passam a se manifestar como [tʃ,dʒ]. Este processo é visto como regular e produtivo em muitas variedades do português brasileiro.

(1) /t, d/ → [tʃ, dʒ] / ___ i

Motivação: anterioridade do [i]

Contexto: segmento seguinte ser [i]

⁶ O ‘R’ forte tem uma grande variação de pronúncia no português brasileiro. Cf. CRISTÓFARO-SILVA (2001).

Espera-se que TODAS as palavras que tenham a seqüência sonora /ti, di/ mudem estas seqüências para [tʃi, dʒi]. Prevê-se ainda que não encontraremos [ti, di] nos dialetos que têm a palatalização. Considere as formas em (6):

- (6) a. ele[tʃi]cista
a. pa[dʒi]

Em (6) temos seqüências em princípio não esperadas: [ti, di]. Por que nestas formas não ocorre a palatalização da oclusivas e temos ele[tʃi]cista; pa[dʒi]? Os casos de (6) se relacionam à quebra de encontros consonantais que será tratada na próxima seção. Em relação à palatalização do /t,d/ a minha proposta é de que a mudança foi implementada por difusão lexical. Evidência vem de formas lexicalizadas como por exemplo “Pa[dʒi]Cícero” e o comportamento alternante em termos das restrições que regulam a boa formação da estrutura sonora no PB (ele[tʃi]cista). Uma proposta interessante seria avaliar a palatalização em comunidades em que ainda ocorrem formas concorrentes com [ti,tʃi] e [d,dʒi].

3.3. Quebra de encontros consonantais

Retomemos os dados de (6). Pode-se observar que para todas as formas que apresentam [ti, di] há uma forma concorrente com [tri, dri]: ele[tʃi]cista/ele[tri]cista e pa[dʒi]/pa[dri]. Poderíamos postular que há uma consoante abstrata que intervém entre o [t,d] e o [i] e bloqueia a palatalização: ele[t(r)i]cista e pa[d(r)i]. Esta proposta resolve um problema de representação mas não explica por que e quando o tepe pode ser cancelado e nem como a implementação da mudança está ocorrendo no português brasileiro atual. O projeto em andamento, cujos resultados parciais são apresentados neste trabalho, mostra que condicionamentos estruturais (como acento, segmento seguinte, posição na palavra) não regulam o processo. Parâmetros extra-lingüísticos (como sexo, idade, grau de instrução) parecem não favorecer nem bloquear o cancelamento do tepe em encontros consonantais. No caso de quebra de encontros consonantais observa-se formas lexicalizadas que violam a boa-formação da estrutura sonora como [vr]lido (para ‘vidro’) ou [dl]upa (para ‘dupla’) sendo que [vr] e [dl] não ocorrem (tipicamente) em início de palavra no português.

Sugerimos que a quebra de encontros consonantais vem sendo implementada por difusão lexical. Evidência vem de formas lexicalizadas como por exemplo '[dʒi]blar' ou '[dri]blar' (driblar) ou 'es[tru]po' (estupro) e o comportamento alternante em termos das restrições que regulam a boa formação da estrutura sonora no PB ('vrido, dlupa').

Seguindo a proposta da difusão lexical assume-se que a mudança sonora se dá ao nível da palavra podendo se propagar (ou não) para todo o léxico. Sugerimos que formas lexicalizadas são evidências para desencadear uma variação que será implementada por difusão lexical. O comportamento alternante em termos das restrições que regulam a boa formação da estrutura sonora indicam a instabilidade da cadeia sonora e contribuem para desencadear a mudança. Os casos discutidos neste artigo dão evidência para esta hipótese de trabalho.

Resta definirmos qual seria o papel da fonologia. Isto porque, se alternâncias são lexicalmente implementadas, não se faz pertinente formular as condições que regulam as mudanças de sons individuais. Ao nosso ver, a fonologia determina as condições de boa-formação sonora do léxico de uma língua a partir de restrições. As restrições (como *vr e *dl não ocorre em início de palavra no português) definem o sistema fonológico. O léxico de um falante consiste de formas alternantes (livro/livo) sendo que algumas podem ser ativas e outras passivas (varrer/barrer). Pode-se ter formas sem alternâncias (como "boi").

O falante faz escolhas lexicais específicas em situações específicas. A variabilidade sonora de um falante expressa a variação lingüística. Compete ao lingüista investigar as restrições sonoras que regulam a boa-formação de palavras de uma língua. A caracterização do sistema sonoro será feita a partir dos dados de uso da língua e as escolhas do falante em contextos específicos. Vejamos os exemplos em (7):

- (7) a. Ela não **precisa** disto.
a. Esta é uma medida **precisa**.

Enquanto em (7a) é corriqueiro haver o cancelamento do tepe [p] precisa em (7b) é quase impossível que o tepe não se manifeste e tem-se quase sempre [p] precisa. Embora 'precisa' possa ocorrer tanto como '[p] precisa' ou como [p] precisa, nos exemplos de (7) há claramente uma preferência por usos específicos. Nós gostaríamos de apontar qual a relevância concreta de se estudar casos de variação como os discutidos

aqui. O primeiro aspecto seria para entendermos melhor o comportamento dos sistemas sonoros nas línguas naturais e no português em particular. Há ainda o fato de que os resultados deste tipo de pesquisa possam contribuir para o ensino de língua materna e de língua estrangeira. Contribui-se também para os estudos históricos ou diacrônicos. Finalmente, os estudos na área do reconhecimento da fala podem ser beneficiados pelo fato de compreendermos melhor a estrutura sonora das línguas.

Referências Bibliográficas

- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.
- CHEN, M., W. S-Y WANG. Sound Change: Actuation and Implementation. *Language* 51, p.255-81, 1975.
- CRISTÓFARO SILVA, T. *Nuclear Phenomena in Brazilian Portuguese*. Londres: University of London, 1992. (PhD thesis)
- CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português – Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- FAGAN, D. S. On profiles in lexical diffusion. *La Linguistique*, v.23, 2, p.47-69.
- HALLE, M. Phonology in Generative Grammar. *Word* 18, p.54-72, 1962.
- HARRIS, J. Towards a lexical analysis of sound change in progress. *Journal of Linguistics* 25, p.35-56, 1989.
- KIPARSKY, P. Linguistic Universals and Linguistic Change. In: BACH, HARMS (Ed.) *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- KIPARSKY, P. Historical Linguistics. In: DINGWALL (Ed.) *A Survey of Linguistic Science*. University of Maryland Press, 1971. p.577-642.
- KIPARSKY, P. Phonological Change. In: F. Newmeyer (Ed.). *Linguistics: The Cambridge Survey*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p.363-415.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. The social origins of sound change. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating Language in Time and Space*. New York: Academic Press, 1980. p.251-66.
- LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language* 57, 2, p.267-308, 1981.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Basil Blackwell, 1994.

- LIEN, C. Bidirectional diffusion in sound change revisited. *Journal of Chinese Linguistics*, 21, 2, p.254-75, 1993.
- OLIVEIRA, M. A. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language* 89, Berlin, p.93-105, 1991.
- OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.1, p.31-41, 1992.
- OLIVEIRA, M. A. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, n.4, v. 1, p.75-91, 1995.
- SHEN Z. Lexical diffusion: a populational perspective and a mathematical model. *Journal of Chinese Linguistics*, n.18, p.159-201, 1990.
- WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language* 45, p.9-25, 1969.
- WANG, W. S-Y., C. Lien. Bidirectional diffusion in sound change. In: JONES, C. (Ed.). *Historical Linguistics: Problems and Perspectives*. London: Longman, 1993. p.345-400.
- WEINREICH, U., W. LABOV, M. HERZOG. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W., Y. MALKIEL (Ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.